

Locução e interlocução em **Nove noites** de Bernardo Carvalho

Mônica Maranhão Fagundes Fernandino*

RESUMO

Este artigo pretende analisar **Nove noites** (2002), de Bernardo Carvalho, a partir da teoria dos atos de fala e do processo de enunciação. Observando os ditos como uma ação que produz ação e envolve locutor e alocutário, discutem-se os efeitos gerados pela interlocução na estruturação da narrativa. Destaca-se entre eles a importância do leitor na construção do texto.

Palavras-chave: Enunciação; Atos ilocucionais; Atos perlocucionais; Interlocução; Jogo de sedução.

O leitor faz a obra; lendo-a, ele a cria; é o seu verdadeiro autor, é a consciência e a substância viva da coisa escrita; assim o autor só tem uma meta, escrever para o leitor e se confundir com ele. (BLANCHOT, 1997, p.325)

A escrita de **Nove noites** (2002) apresenta traços que são recorrentes nos romances e contos de Bernardo Carvalho, desde **Aberração**, seu primeiro livro, publicado em 1993. Personagens e narradores constroem pouco a pouco, através de fotografias ou depoimentos dispersos, um espaço cambiante, seja físico ou textual, em que criaturas desenraizadas, marcadas por problemas familiares, inseridas em terra estrangeira, vivem obcecadas à procura de um sentido para uma carta, para uma caixinha, para uma história ou origem e enredam-se em uma trama de coincidências obsessivas, em que as descobertas são sempre dúbias e os sentidos duplos.

Presságios, pressuposições, mal entendidos, subentendidos criam uma expectativa que está sendo sempre desfeita. Há uma verdade que se anuncia, mas que nunca se concretiza, pois o texto é uma criação de palavras.

* - PUC Minas

Bernardo Carvalho se contrapõe a uma cultura, cultivada pelo espírito da modernidade, de que existe uma verdade e essa pode ser comprovada pela ciência, pelo documento escrito, pela cena do filme ou da fotografia. Para demonstrar essa descrença, faz do processo de enunciação uma estratégia.

Por ser um instante sináptico de produção de sentido, a enunciação não se pode comprometer com um objetivo, com um destino, com uma intenção deliberada, pois o enunciado, sua produção, é acaso, é acidente. Todavia, como esse é o único recurso disponível ao homem para que ele se comunique e se constitua, ainda que por alguns instantes, como sujeito, ele se apega à palavra e passa a jogar com ela para disfarçar sua insustentabilidade. **Nove noites** é um exemplar dessa luta travada pelo homem entre sua necessidade de se apegar à verdade da palavra e sua consciência de que ela é ilusão, enigma, o que nem por isso minimiza seu poder de sedução. “O negócio do jogo está em tudo o que eu faço”, afirma Bernardo Carvalho em uma entrevista ao “Paiol Literário”, em 2007, da qual se retirou o fragmento abaixo:

Nove noites é baseado na história real de um antropólogo americano que se matou no Brasil entre os índios, em 1939, quando tinha 27 anos. O livro foi construído a partir desse dado, mas não é um livro sobre história real. Quando eu o escrevi, tinha escrito uns livros esquisitos, que não vendiam, que as pessoas não gostavam. Então, eu fiquei irritado e entendi o que as pessoas queriam: história real, livro baseado em história real. Pensei: “se é isso que eles querem, é isso que eu vou fazer”. Mas resolvi fazer algo perverso para enganar o leitor, criar uma armadilha. O leitor acha que está lendo uma história real, mas é tudo mentira. Tinha foto, autobiografia, etc. E não é que funcionou. O pior é que a minha intenção de criar uma armadilha, de brincar, de ser irônico, foi lida em primeiro grau, não foi lida em segundo grau. A maioria não percebeu que eu estava fazendo um jogo com aquilo. (CARVALHO, 2007, p. 5)

A escrita é uma forma de atingir o leitor, de provocar um efeito, de levá-lo a praticar uma ação, ou seja, de levá-lo a participar de um processo de comunicação, nem que seja de uma mentira, de uma ilusão. Por isso, o trabalho com a linguagem consiste em explorar sua volubilidade, suas possibilidades de construção de sentido, para elaborar um discurso que se

abra simultaneamente em várias vias a serem percorridas. E uma das formas escolhidas por Bernardo Carvalho para montar esse jogo de enganos foi a apreensão do momento em que o narrador transforma a língua em discurso: a enunciação, justamente porque esta é inapreensível. No instante em que se tenta registrá-la, fixá-la através do enunciado, ela não é mais ela. Aproveitando-se dessa fragilidade, ou dessa efemeridade, Bernardo Carvalho seduz o leitor, apresentando a ele peças de um quebra-cabeça e estimulando-o a montá-lo.

Os enunciados através dos quais se estrutura a narrativa vão assumindo formas fluidas, a cada leitura, vão assumindo sentidos que se desfazem logo adiante, criando a tensão responsável por levar o leitor ao fim do texto. Uma das formas de se perceber esse trabalho é analisando os efeitos performativos gerados por esses enunciados. Observar as circunstâncias que os envolvem, em que situações eles são explícitos, em que momentos são apenas sugeridos e relacioná-los aos atos constativos pode ser uma forma de perceber os efeitos de sentido gerados por este recurso. Um enunciado formulado como um ato de fala interfere no processo de estruturação do discurso e provoca efeitos que, de alguma forma, estão relacionados à intencionalidade do texto, ou do relato.

Uma das condições necessárias para a enunciação é que a linguagem esteja centrada no locutor, já que aquilo que torna possível a execução de um ato de fala é a apropriação que ele faz da língua: condição para desencadear qualquer processo interacional. Benveniste conceitua enunciação como “a ação de colocar em funcionamento a língua, por um ato individual de utilização do seu aparelho formal, através do qual o locutor se declara e implanta o outro diante de si”. (BENVENISTE, 2006, p. 82)

Esse ato individual de apropriação se manifesta por um jogo de formas específicas cuja função é colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação. Além disso, fornece condições necessárias às grandes funções sintáticas, ou seja, o locutor dispõe de determinados modelos para influenciar o comportamento do alocutário. Todas as formas lexicais e sintáticas, tais como as da interrogação, por exemplo, derivam desse aspecto de enunciação. De modo mais amplo, esse linguista afirma que a enunciação é caracterizada pela “acentuação da relação discursiva

com o parceiro, seja ele real ou imaginado, individual ou coletivo” (BENVENISTE, 2006, p.87). Considerando o foco narrativo de **Nove noites**, esse é um dos efeitos produzidos: o narrador estabelece uma relação discursiva mais intensa com seu leitor.

Tal relação é analisada por Austin (1990)¹, que destaca os efeitos consequentes das perlocuções como resultados, que não incluem efeitos meramente convencionais, mas a produção real de efeitos reais. Isso significa que o fato de um ato linguístico ser uma promessa, cujo efeito perlocucional é levar o alocutário a acreditar que o outro praticará a ação expressa na proposição, não exige que a promessa feita seja cumprida na realidade. Isso não minimiza o efeito da proposição. O efeito sobre o destinatário do discurso ocorre independentemente das intenções do locutor.

Diante disso, Austin (1990) destaca a enorme importância de se considerar a ocasião de um proferimento para a identificação de sua função, pois é no instante da enunciação que uma proposição pode ser mais facilmente identificada, por exemplo, como promessa ou ameaça. Além do que as palavras utilizadas têm que ser, até certo ponto, explicadas pelo contexto em que devem estar ou em que foram realmente ditas em uma troca linguística. Mesmo assim, há uma tendência dos analistas em se inclinar para as explicações em termos de significado das palavras ou de uso de uma sentença em determinada ocasião no sentido do ato locucionário, sem, contudo, tocar em seu uso no sentido do ilocucionário.

Os problemas de uso locucionário foram, para Austin (1990), confundidos por muito tempo com os de uso ilocucionário, inclusive a falácia descritiva² mencionada em sua Conferência I. Acredita ele que essa confusão surgiu do fato de não se considerar a diferença entre o “ato de dizer algo e o ato ao dizer algo”. Para o autor, analisar uma conversação implica observar a maneira pela qual está sendo usada a fala em determinada ocasião. Concorda com ele Ducrot (1984), para quem faz grande diferença se um proferimento está ordenando, advertindo, ou simplesmente sugerindo, o que será mais facilmente percebido na enunciação. Assim, Austin

1 - Austin (1990, p. 89) faz a distinção entre os três tipos de atos: o locucional (ele disse que), o ilocucional (ele argumentou que) e o perlocucional (ele me convenceu de que).

2 - Certos filósofos consideravam a expressão “eu sei que” como uma descrição do ato mental do falante, ou seja, da cognição. Isso é criticado por Austin em 1946 em sua conferência “Outras Mentes”.

reconhece que essas questões penetram um pouco no campo da gramática, mas também a extrapolam, pois uma determinada estrutura interrogativa, por exemplo, pode não ser necessariamente uma pergunta.

Considerando que o discurso de Manoel Perna e o do jornalista se apresentam como uma conversação e que, nesse contexto, os falantes executam atos de fala ilocucionais, decidimos dedicar um estudo mais detalhado a essas unidades desse romance. Não é possível deixar de observar que os proferimentos que compõem o enunciado de **Nove noites** desempenham uma função que supera as contingências de uma asserção. A carta testamento de Perna assim como o relato do jornalista se estruturam como diálogo-monólogo, ao manter a interlocução com o fotógrafo, ou com quem quer que seja, e, nesse contexto, diz e pratica ação ao dizer.

“Um ato é antes de tudo, um engajamento, em graus diferenciados, que leva os interlocutores a desempenhar certos papéis ou a se responsabilizar por certos estados de coisas”, afirma Ducrot (1984). Para se inserir nesse engajamento é preciso que se submetam a algumas condições. Inicialmente, é necessário que falem a mesma língua, dominem as mesmas convenções linguísticas, comprometam-se com os códigos que regem as relações discursivas. Isso significa que é necessário existir um determinado tipo de relação entre falante e ouvinte e entre falante e realidade, pois é a natureza dessa relação que determinará se tal discurso constitui um ato. Observemos o discurso de Manoel Perna:

Isto é para quando você vier. É preciso estar preparado. Alguém terá que preveni-lo. Vai entrar numa terra em que a verdade e a mentira não têm mais os sentidos que o trouxeram até aqui. Pergunte aos índios. Qualquer coisa. O que primeiro lhe passar pela cabeça. E amanhã, ao acordar, faça de novo a mesma pergunta. E depois de amanhã, mais uma vez. Sempre a mesma pergunta. E a cada dia receberá uma resposta diferente. A verdade está perdida entre todas as contradições e os disparates. Quando vier à procura do que o passado enterrou, é preciso saber que estará às portas de uma terra em que a memória não pode ser exumada, pois o segredo sendo o único bem que se leva para o túmulo, é também a única herança que se deixa aos que ficam, como você e eu, à espera de um sentido, nem que seja pela suposição do mistério, para acabar morrendo de curiosidade. (CARVALHO, 2002, p. 7)

No fragmento citado acima, percebe-se esse engajamento, que se revela mais intenso no relato de Perna do que no do jornalista, mesmo porque se trata de uma correspondência. Como já vimos, o alocutário é apresentado como “você”, o que o coloca na situação de entre os interlocutores, a qual é reforçada pelas sugestões feitas por Manoel Perna: “Pergunte aos índios, faça de novo a mesma pergunta.” Através desses verbos, o locutor convida ou conclama seu interlocutor a comprovar sua alegação sobre verdade e mentira. Dessa maneira Manoel Perna assume o papel do que sabe das coisas, o detentor dos segredos, e o você é aquele que busca o saber, o curioso. Percebe-se também a inexistência de uma contextualização acerca do estado de coisas a que se reporta o locutor – de que ou de quem se fala e quem fala ou a quem se fala – o que leva a supor que esse conhecimento é do domínio de ambos, principalmente se considerarmos que esse trecho abre o romance.

Além disso, o conteúdo informacional é coerente com essa suposição, já que o locutor parece conhecer a situação em que se insere seu destinatário. As ações propostas por essas expressões são factíveis, pois se percebe, pelo discurso do locutor, que o outro busca respostas. “Vai entrar numa terra em que a verdade e a mentira não têm mais os sentidos que o trouxeram até aqui.” Pode-se, assim, pressupor que exista convivência entre os interlocutores que parecem estar inseridos em circunstâncias semelhantes, e tal contexto possivelmente estimularia o alocutário a acatar as ordens ou aceitar as sugestões da voz enunciativa, deixando aguçar seu desejo de desvendar a verdade.

Tal postura também evidencia o ato de fala. Esse ato relaciona-se à ação que Ducrot (1984) considera como toda atividade de um sujeito, a qual é destinada a produzir certa modificação da realidade. Essa alteração é distinta daquela que ela própria constitui enquanto ação, pois se refere a qualquer episódio em que é possível distinguir entre um determinado gesto, considerado puro movimento, e um resultado exterior visado por esse gesto. É diante dessa concepção que a atividade de linguagem pode ser considerada uma ação.

Esse tipo de ação pode ser percebido no discurso de Manoel Perna. Através da fala, ele apresenta ao outro sua carta. “Isto é para quando você

vier” se revela como um dito – em que está implícito “eu lhe digo que” – e não como a descrição de um estado de coisas. Mesmo quando usa a terceira pessoa – “Alguém terá que preveni-lo” –, o locutor é agente, pois a proposição pode ser convertida em “eu tenho que preveni-lo”. Esse tipo de enunciado é por Benveniste considerado performativo autêntico, mesmo sendo inaparente; nele existe o procedimento de um locutor que visa instaurar uma nova conduta por parte do alocutário.

Pode-se pressupor, considerando a condição do destinatário como leitor, seja da carta, seja do romance, que essas informações são capazes de alterar sua postura diante do texto e de orientá-lo a agir para se ajustar ao estado de coisas ou à realidade da interlocução. Essa advertência de Manoel Perna pode levar o alocutário a duvidar da possibilidade não só de chegar à verdade que envolve a morte de Quain, mas também a toda e qualquer verdade. Pode levá-lo a considerar contestáveis não somente os relatos sobre o antropólogo, mas também tudo aquilo que aparentemente parece incontestável, principalmente se o objeto de observação for a linguagem ou o discurso.

Pode-se também inferir que, nessa situação específica de enunciação, as declarações implicariam uma mudança da realidade. Espera-se que as palavras sejam ouvidas e consideradas pelo leitor que seria estimulado a perceber que ele participa de um jogo, no qual seu parceiro fará de tudo para ludibriá-lo. Nenhum mistério será desvendado. Por outro lado, ele poderia ser induzido a ignorar essas advertências e continuar a leitura, acreditando que, através dela, possa fazer suas próprias descobertas. Afinal, Manoel Perna se revela como o detentor de um segredo e poderia fornecer as peças que faltam para montar o quebra-cabeças. Apesar das ressalvas em relação ao mistério, afirma:

O que eu vi, nunca falei. Fiquei a sua espera. O que eu ouvi, já não sei se foi fato ou fruto de um conjunto de imaginações, minha e dele, a começar pelas visões de que me falou. (...) O certo é que, ao deixar a aldeia pela última vez, ele estava fugindo. E isso eu já lhe disse, mas repito, porque quero que guarde bem. Quando muito, haverá um lugar para uma única causa e uma única imagem na sua cabeça. Terá que aprender a se lembrar dele como um homem fora de seu campo de visão, se é que pretende vê-lo como eu o vi. (CARVALHO, 2002, p. 112, grifo nosso)

Nesse fragmento, percebe-se a alternância de verbos performativos e constativos cuja relação aponta para as duas posturas assumidas pelo narrador: aquela que se caracteriza como uma informação: “O certo é que, ao deixar a aldeia pela última vez, ele estava fugindo”; aquela que constitui um dito, ou seja, o ato de fazer enquanto diz: “E isso eu já lhe disse, mas repito, porque quero que guarde bem.” O enunciado refere-se à ação de enunciar. Isso pode ser percebido também em “O que eu ouvi, já não sei se foi fato ou fruto de um conjunto de imaginações”, situação em que Manoel Perna revela sua desconfiança em relação às informações que divulga. Ambas as posturas vão se revezando para manter a expectativa do leitor que pode apostar na verdade do que lê ou perceber que o locutor blefa ao descrever suas impressões e ao reunir informações.

A estratégia de alternar atos constativos e perlocucionais é predominante, o que implica a presença dos ilocucionais. Os verbos performativos são recorrentes: “Me perdoe. Faz anos que o espero em vão. Peço que me entenda.” (CARVALHO, 2002, p.08-13). Ainda que mais raramente, tais verbos aparecem também no discurso do jornalista: “Não posso dizer que nunca tivesse ouvido falar nele...” (CARVALHO, 2002, p. 13). E eu prefiro não imaginar o seu pavor e desespero. (CARVALHO, 2002, p. 64). Dessa maneira, se as condições locucionais, ilocucionais e perlocucionais são cumpridas, esse arranjo linguístico é constituído em razão de um alcance prático específico, ou seja, “trata-se de atos que produzem fala e de fala que produz ato”. (MARI, 1997, p. 2)

Os efeitos desses atos de fala são vários. Se considerarmos que o alocutário parece ser virtual – nem Perna nem o jornalista parecem conhecer seus leitores, não ter certeza de que eles existam nem de que sua mensagem chegará ao destino previsto – poder-se-ia pensar que as palavras estão sendo – jogadas ao vento e a condição de provocar um efeito no destinatário não se cumpriria. No entanto, o simples fato de o locutor condicionar seu discurso à presença de um alocutário já o torna transitivo. As asserções de Perna e do jornalista não são auto-reflexivas, elas incluem o outro em sua esfera de produção, são proferidas em determinadas circunstâncias e condicionam-se à presença do leitor. Visam a um destinatário específico: aquele que por quaisquer motivos se interessa pelo passado de Quain. “Você quer saber o

que o dr. Buell fez na aldeia”. (CARVALHO, 2002, p. 110)

Isso nos obriga a destacar que o texto é um romance, o que o coloca diante de um leitor, seja ele quem for. Por isso, os efeitos decorrentes desses proferimentos, previstos ou não, são efetivos. A recorrência dos performativos está a serviço da argumentação, da tentativa de convencimento do destinatário. O leitor do romance é seduzido a se identificar com os personagens e passar a fazer parte desse projeto de desvendar o mistério do suicídio. Para isso, dá asas a sua imaginação e passa a construir sua própria versão dos fatos. Pode-se afirmar que um dos efeitos de sentido provocados por essa interlocução seria estimular a participação do leitor como cúmplice nessa obsessão por uma verdade para sempre adiada. O leitor lê o texto porque, entre outras coisas, quer saber o que o “dr. Buell fez na aldeia”, porque quer desvendar a verdade, quer agarrar-se à palavra, ainda que seja para nutrir sua ilusão de que através da linguagem pode-se chegar à verdade.

Além disso, o leitor que se aventura pelas páginas do livro pode perceber os avisos e passar a desconfiar das informações que lhe são disponibilizadas. Pode tomar para si as advertências realizadas e notar as várias direções assumidas pelo discurso, entre elas a de que, apesar de se apresentar como um relato de fato ocorrido, o texto assume a própria subjetividade e se abre às várias possibilidades de construção de sentido, inclusive aquelas que se valem da imaginação do próprio leitor. Pode perceber que um dos efeitos dessa locução é atraí-lo para um jogo em que seu parceiro lhe apresenta não um fato, mas sua imagem reversa e fragmentada.

Manoel Perna afirma ter testemunhado um acontecimento, faz asserções, perguntas, sugestões, súplicas, promessas, ou seja, usa formas discursivas que reportam fatos, relacionam-nos, comprometem-nos com o desenvolvimento de uma tarefa e compelem o alocutário a realizar ações. Como esse ato linguístico agrega duas propriedades, – é parte do sentido do enunciado que sua realização cria e contém a caracterização da enunciação – é considerado um ato ilocucional. Essa argumentação, que constitui essa pseudoconversação, possui grau de intensidade diversificado, pois varia a cada prática discursiva.

A cada estágio da conversação, o ato ilocucional que se realiza está,

de alguma forma, comprometido com o anterior e isso o restringe, como em um jogo em que o número de jogadas possível é limitado pela jogada anterior. Por exemplo, ao apresentar, através de asserções, detalhes de um fato passado, o depoente tenta afirmar sua capacidade de recuperar, através da memória, um estado de coisas por ele presenciado, o que denuncia seu desejo de que o valor de verdade de seu discurso seja reconhecido. Isso deveria limitar seu depoimento.

Manoel Perna confessa escrever uma carta testamento através da qual deixaria ao fotógrafo as informações sonegadas durante o inquérito realizado após o suicídio do antropólogo. Para atender às condições de sucesso de sua interlocução, ele precisa fazer assertivas em relação a um determinado tipo de informação para que seu discurso possa se apresentar como testemunho.

Isto é para quando você vier. Foram apenas nove noites. Se agi como se ignorasse os motivos que o levaram ao suicídio foi para evitar o inquérito. A polícia tomou conhecimento do caso e fez o inventário dos fatos e do espólio a pedido dos americanos. Não me julgue mal. Não teria podido responder a nada. O silêncio foi o peso que carreguei durante anos, enquanto estive à sua espera. Já não posso me arriscar a que tudo desapareça comigo. (...) E já não tenho dúvidas de que era sua a resposta que ele aguardava com tanta ansiedade. (...) Ninguém além de mim nunca soube da carta que ele deixou. (CARVALHO, 2002, p. 24-25)

É possível perceber que o locutor se revela como conhecedor dos motivos que levaram Quain ao suicídio e sugere não ter tido condições de desvelar o segredo, pois pretendia evitar um inquérito. Todavia, como carregar esse segredo impõe condições desagradáveis e desgastantes, Manoel Perna decide escrever ao destinatário para dividir com ele a “verdade” dos fatos. Essas asserções deveriam restringir as posteriores, principalmente em relação a outros atos ilocucionais, pois, de certa forma, elas se revelam como uma promessa, ainda que de forma ambígua, e criam no alocutário a expectativa de ver desvendado o mistério. Se o objetivo da carta fosse esclarecer, revelar, o que de certa forma explicaria a presença dos enunciados constativos, o discurso deveria se ater a afirmações que verificam, apuram

e constata algo.

Entretanto, se em alguns momentos essas restrições são aparentes, e o locutor revela fatos e descreve cenas que apontam para seu conhecimento acerca da realidade que envolveu Quain; em outros, são frouxas e abrem possibilidades para a inserção de atos ilocucionais de outra natureza: contraposições, inferências, suposições e sugestões. Esse jogo de incoerências e disparates que envolve a interlocução proposta pelos narradores aponta para o fato de o discurso estar comprometido com algum objetivo recôndito, o que pode ser analisado a partir da força ilocucional, ou seja, das condições ou dos componentes do discurso que levam sua enunciação a realizar uma ação.

Para Vanderveken³ (1985, p. 173-194), uma força ilocucional se define a partir de sete componentes, e, para se perceber a força que assume uma proposição inserida em um processo de enunciação, é preciso avaliar os sete elementos que a compõem. Entre eles, está o ponto de realização que se refere ao objetivo do locutor ao executar uma ação. É o primeiro e o mais importante elemento dessa força e se apresenta em cinco tipos: assertivo – representa um estado de coisas como real; comissivo – consiste no comprometimento do falante em executar uma ação futura; diretivo – faz uma tentativa de levar o ouvinte a praticar uma ação; declarativo – consiste em produzir um estado de coisas em virtude da enunciação; expressivo – expõe o estado psicológico do falante acerca de um estado de coisas. São esses cinco os modos pelos quais uma proposição se relaciona ao mundo, ainda que seja possível perceber que a atividade linguística se vale de muitos outros recursos que são conseguidos através do acréscimo de outras condições de execução.

Essas condições podem ser percebidas através do grau de intensidade que envolve a força ilocucional, o que permitiu ao autor classificá-las como primitivas e derivadas. As primitivas são aquelas que não possuem grau de intensidade; são, na verdade, o ponto ilocucional simples, sem qualquer tipo de acréscimo ou elaboração enfática: assertivo, comissivo, diretivo, declarativo, expressivo. Não envolvem particularidades situacionais, tais

3 - Daniel Vanderveken, filósofo, professor catedrático da Universidade de Quebec, Canadá, dedica-se à filosofia da linguagem, ação e pensamento, à análise do discurso, à pragmática formal do discurso, entre outras áreas de interesse.

como uma afirmativa que não invoca a posição de autoridade ao ser mencionada, ou não revela intenção de despertar a credibilidade do locutário. As derivadas possuem o ponto ilocucional como ponto de partida para a elaboração de uma interlocução. No entanto, para que se realizem com sucesso, exigem um modo especial de realização, condições de conteúdo proposicional, condições de sinceridade, condições preparatórias.

Isso quer dizer que em um discurso como o de Manoel Perna, em que se percebe uma conjunção desses pontos, podemos tomar a sentença “Isto é para quando você vier” como assertiva, pois apresenta ao leitor a carta-testamento. Se for considerado que esta sentença é apresentada ao fotógrafo, possível destinatário, ou ao leitor do romance, por Manoel Perna, aquele que testemunhou os episódios que envolveram Buell Quain, o ponto de realização pode ser comissivo, pois a proposição pode constituir-se na promessa de desvendar o mistério da morte do antropólogo. Tendo sido amigo de Buell Quain e acompanhado o antropólogo por nove noites, Manoel Perna revela-se dotado de poder suficiente para cumprir sua tarefa de apresentar os fatos. O pronome “isto” e a forma verbal “vier” referem-se a uma ação futura, situação adequada a uma proposição comissiva.

Assim, inserido nessa enunciação, tal enunciado aponta para a intenção do locutor de estabelecer um pacto com o leitor. Quando ele vier, poderá se apossar do objeto oferecido, que pode ser o segredo de Buell Quain, o de Manoel Perna ou simplesmente o vazio do relato. Independentemente do referente do “isto” o locutor se empenha com o seu interlocutor, cria nele a expectativa de que ele terá acesso à informação prometida. Efeito certamente responsável pelo jogo que se instaura. Como em uma rodada de baralho, em que de tempos em tempos as cartas vão sendo recolhidas, embaralhadas e reapresentadas, essa frase é repetida diversas vezes durante o relato, sendo inserida em diferentes contextos. E assim mantém a esperança do leitor acerca de um esclarecimento.

Paralelamente, outras proposições vão sendo articuladas. Assertivas tais como “A polícia tomou conhecimento do caso e fez o inventário dos fatos e do espólio a pedido dos americanos” (CARVALHO, 2002, p. 24) reforçam a ideia de que o mistério pode ser desvendado, pois sugerem que os fatos foram apurados. O desejo do falante de se comprometer em executar

a tarefa é reafirmado através de “Já não posso me arriscar a que tudo desapareça comigo” (CARVALHO, 2002, p. 13), quando aponta para a necessidade de alterar uma atitude tomada no passado, o que sinaliza para a ação futura, adequada à promessa. Manoel Perna diz-se disposto a contar ao fotógrafo aquilo que ocultou durante seis anos. Ainda na tentativa de manter a convicção do leitor de que os fatos serão esclarecidos, expressa seu estado psicológico de convicção e certeza: “E já não tenho dúvidas de que era sua a resposta que ele aguardava com tanta ansiedade” (CARVALHO, 2002, p. 24). Todos esses elementos agem sobre a força ilocucional das proposições e interferem na interpretação que o destinatário faz dos ditos.

Da mesma forma, o “isto” pode se referir ao jogo que se instaura. “Isto é para quando você vier” pode ser visto como uma advertência ou uma ameaça ao destinatário do texto. Considerando as assertivas, tais como, “A verdade está perdida entre todas as contradições e os disparates” (CARVALHO, 2002, p. 7), o que está por vir é o nada, o escritor escreve para dizer que não pode escrever. Tal abordagem reafirma as concepções de Blanchot (2005, p. 51), para quem a narrativa está ligada à impossibilidade de pensar que é o pensamento, está ligada ao fato de a verdade não poder ser descoberta, pois ela escapa sempre. Mais do que a obra, para esse estudioso da literatura o que importa é a experiência da obra, pelo movimento que conduz a ela. Destaca também a importância do malogro que atrai aqueles que escrevem e os que leem. Tais ideias coadunam-se às reflexões de Nietzsche sobre a insustentabilidade da palavra.

Enfatizar essas concepções é um dos efeitos de sentido gerado pelo fato de **Nove noites** ter sido estruturado através da enunciação, processo que permite ao leitor perceber de forma mais evidente a orientação seguida pelo relato. A direção apontada pode ser fruto de uma intervenção objetiva em que a linguagem representa um estado de coisas como verdadeiro ou falso (Isso não importa), ou de uma intervenção subjetiva em que o relato expressa a posição do locutor frente ao estado de coisas, inclusive sobre a própria escrita. No caso de Manoel Perna, há uma constante oscilação entre o empenho do locutor de demonstrar a possibilidade de recuperar a verdade e a consciência de que isso é impossível. Todavia, em ambos os casos ele desperta a curiosidade do leitor, que percebe coerência em suas impressões.

Manoel Perna cria condições para que o leitor entenda que quando o tema é linguagem e reprodução de verdades, não se pode confiar em coerência e em coesão. Um discurso dotado de sinceridade, adequado e coerente não implica que seja uma reprodução da realidade, pois a estrutura da língua é inerente a ela e não se organiza de acordo com os fatos ou com a verdade dos homens. Um testemunho coerente e convincente não assevera a verdade ou a mentira dos fatos. As palavras são sempre contestáveis, incertas, ponderáveis. A relação entre a linguagem e os fatos depende da interpretação, desejo ou crença do leitor ou ouvinte. Por isso, o locutor pode brincar com as proposições variando a sua força ilocucional.

Através do testemunho, o narrador revela sua crença na verdade dos fatos, através da sugestão leva o alocutário a desconfiar de seu relato. “Mas não me peça o que nunca me deram, o preto no branco, a hora certa” aponta para a impossibilidade da recuperação, através da memória, de um conhecimento que o tempo presente não registra. Diante dessa evidência, o melhor que faz o destinatário é contar com o imponderável e ter ciência de que “as histórias dependem, antes de tudo, da confiança de quem as ouve, e da capacidade de interpretá-las.” É melhor para ele desconfiar do relato, aconselha o locutor.

A sentença “Você quer saber o que o dr. Buell fez na aldeia” (CARVALHO, 2002, p. 110) pode ser percebida como representação de um estado de coisas como real, ou seja, a constatação da curiosidade do alocutário; pode ser vista como um comprometimento do falante em executar a ação de revelar o que Quain fez na aldeia; pode ser uma tentativa de atrair o ouvinte, ou seja, uma forma de convencê-lo a buscar as respostas às suas dúvidas. Pode ser uma ironia através da qual, o locutor satiriza a ingenuidade daquele que lê em busca de informações. Pode, inclusive, ser vista como índice do estado de ansiedade de Manoel Perna, que fala por falar, simplesmente, ou que aponta para algo que teme revelar.

É nesse contexto que o fato de o romance ser estruturado através desse processo de enunciação torna-se importante. Essa diversidade de possibilidades de sentido que uma proposição pode assumir a cada ato de fala torna-se mais evidente. Através desse recurso, coloca-se em dúvida tudo que é dito, seja por Buell Quain, por Manoel Perna, seja pelo jornalista.

Apesar das marcas que a identificam, é praticamente impossível afirmar se a proposição é ameaça ou conselho, ironia ou asserção, pois sua força ilocucional pode se perder no momento em que é pronunciada, e, ao leitor, só resta o enunciado.

A proposição “A verdade e a mentira não têm os sentidos que o trouxeram até aqui”, que é apresentada nas p. 7 e 131 de **Nove noites**, por exemplo, pode assumir sentidos diversos, pois está inserida em contextos diferentes. Pode ser uma assertiva, uma prevenção, uma advertência, uma confissão. A princípio, pode ser vista como ato literal e se referir aos fatos que levaram Quain ao suicídio; e simultaneamente pode ser um ato não-literal, ao se relacionar ao contexto político que envolvia o país na época em que Quain esteve no Brasil. Pode se referir à carta testamento, inclusive para desautorizar a declaração do locutor em relação aos objetivos de seu discurso. Pode ainda ser uma tentativa de levar o destinatário a ser perspicaz e ardiloso em relação ao seu julgamento das possibilidades de interpretação que vão se desenhando no interdiscurso.

É importante destacar que o fato de o romance ser estruturado através do processo de enunciação permite e facilita a análise dos enunciados perlocucionais que são fundamentais para seduzir o leitor a participar da montagem do quebra-cabeças. Em primeiro lugar porque essa é uma forma de o locutor acentuar sua relação com o alocutário, influenciando-o, seduzindo-o, convencendo-o a participar do jogo de esconde-revela que se instaura através dessa interlocução. Isso quer dizer que esses enunciados produzem resultados concretos, reais. O leitor de **Nove noites** é levado a querer descobrir quem é Buell Quain, se o antropólogo realmente existiu, se esteve no Brasil, se os relatos de Manoel Perna e do jornalista estão autorizados a construir sua versão dos fatos que envolvem Buell Quain, se o romance é uma reprodução de fatos da vida real, ou uma manipulação da realidade para ludibriar o leitor.

Em segundo plano, porque o processo de enunciação cria condições para que as proposições sejam inseridas em vários contextos e assumam forças ilocucionais diversas, ou seja, apontem para a relação diversificada que mantêm com os acontecimentos sem criar uma relação de incoerência entre os fatos narrados. Para Deleuze (2006, p. 13-15), uma proposição

oscila entre a designação ou a indicação, a manifestação e a significação. A designação consiste na relação da proposição a um estado de coisas exteriores, ou seja, na associação das palavras com imagens particulares que devem representar um estado de coisas.

Na segunda dimensão, a manifestação remete à relação da proposição com o sujeito que fala e que se exprime, ou seja, consiste em um enunciado de desejos e crenças, por isso trata-se de uma inferência e não de uma associação. Enfim, na terceira, a significação se acha sempre no procedimento indireto que lhe corresponde, isto é, na sua relação com outras proposições das quais é inferida, ou inversamente, cuja conclusão ela torna possível. A significação se define pela relação entre as premissas e a conclusão, portanto não deve ser entendida somente no sentido restrito, mas também no das probabilidades.

Diante disso, pode-se afirmar que, se tomarmos uma das proposições que se repetem no discurso de Manoel Perna e a analisarmos a partir dos efeitos de sentido que assumem em cada aparição, perceberemos que o texto não traz uma estrutura rígida, mas, ao contrário, é maleável e flexível. O sentido vai se formando, desfazendo e refazendo à proporção que as possibilidades de leitura vão sendo montadas. O texto é estruturado como um jogo de lego em que as peças podem ser recolhidas de um lado e encaixadas em outro, formando novas redes de sentido.

Essa forma de estruturação estimula o leitor a fazer várias leituras e estabelecer relações que vão se diversificando. Ele percebe que o narrador não é um ser onisciente que domina o conhecimento dos fatos e simplesmente os reproduz; é um interlocutor que, durante o processo de enunciação, vai construindo sua versão e aguçando o desejo de seu destinatário de fazer o mesmo. Perceber essas várias entradas que lhe são abertas pelo locutor faz do leitor um jogador à altura do texto.

Daí a importância da enunciação, pois é através dela que se revela um autor consciente da insustentável leveza da palavra e de sua absurda capacidade de representação, de encenação, de manipulação. Ciente de que só o fato de usar as palavras desvia as certezas que se tem delas, Bernardo Carvalho revela sua concepção de literatura, que se distancia de uma concepção idealizada. Escrever não é para ele testemunho, expressão da

interioridade, estetização da palavra, muito menos reprodução da realidade.

Escrever é uma forma de atingir o leitor, de jogar com ele, manter com ele uma parceria para testar/desafiar sua perspicácia. **Nove noites** é o resultado dessa concepção. Tal postura dessacralizadora nem sempre é bem vista pela crítica. Em “A arte da fuga”, artigo publicado pelo site Trilhas Literárias, Martin Vasques (2004) critica esse nihilismo de Bernardo Carvalho que, para o crítico, retira a nobreza existente em nossa literatura, pois foge da vida em toda sua riqueza, complexidade e, sobretudo, mistério.

Abstract

This article aims to analyze Bernardo Carvalho's **Nove noites**, with basis on the theory of speech acts and enunciation process. Considering that utterance is an action that produces action and involves utterer and audience, it discusses the effects generated by interlocution on the narrative framework, among which the reader's relevance in text construction.

Key words: Enunciations; Illocutional acts; Perlocutional acts; Interlocution; Seduction game.

Referências

ALMEIDA, Martim Vasques da Cunha d'Eça e. **A arte da fuga**. Disponível em: <<http://www.midiaseम्मascara.com.br/colunistas.php?aid=32>>.

Acesso em: 10 mar 2004

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho, Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes/ Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

BENVENISTE, É. **Problemas da Linguística Geral II**. Campinas, Pontes/ Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARVALHO, Bernardo. **Nove noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CARVALHO, Bernardo. **Aberração**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARVALHO, Bernardo. Entrevista. Paiol Literário. Curitiba: **Jornal Rascunho**. 2007.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DUCROT, O. Enunciação. In: **Enciclopédia Einaudi** – Linguagem e enunciação. Porto: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1984, p. 368-393.v.2.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1987.

MARI, Hugo. A promessa como ato de fala: suas implicações no discurso “político”. **Gerais Revista de Comunicação Social**. Belo Horizonte: FA-FICH/UFMG, v. 1, jun 1997.

VANDERVEKEN, Daniel. O que é uma força ilocucionária. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 9, 1985. p. 173-194.